Oração semanal

(5ª-feira, Tempo Comum 20)
Serra do Pilar, 18 agosto 2016

P. Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo!
R. Ámen!

P. Senhor, vinde em nosso auxílio!
R. Senhor, socorrei-nos e salvai-nos!

P. Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo!
R. Como era no princípio, agora e sempre. Ámen!

Leitura da Primeira Carta de Paulo aos Coríntios (1,17-25)

Cristo não me enviou para batizar mas para pregar o Evangelho, e sem recorrer às técnicas da arte oratória. Assim não se desvirtuará a cruz de Cristo. A linguagem da cruz é loucura para os que não se salvam. Mas para nós, que recebemos a salvação, é manifestação do poder de Deus. Diz a Escritura: «Destruirei a sabedoria dos sábios e anularei a capacidade dos inteligentes». Onde está o sábio? Onde o erudito? Não mostrou Deus que a sabedoria deste mundo não passa de loucura? Pois exatamente: porque os homens, com a sua inteligência, não reconheceram a Deus na sabedoria que ele manifestou, ele achou por bem salvar os crentes pela mensagem que vos anunciámos, e que, aparentemente, é uma loucura. Efetivamente, os judeus pediam milagres, e os gregos a sabedoria. Mas nós anunciámos-vos Cristo que morreu na cruz, o que, para os judeus, foi um escândalo e, para os gregos, uma loucura. Mas para os eleitos, judeus ou não, Cristo é o poder e a sabedoria de Deus. É que o que é tido como loucura de Deus é mais sábio do que os homens, e o que é tido por fraqueza de Deus é mais forte que eles.

Salmo 118 (49-56)

A misericórdia do Senhor
cantaremos para sempre!

Lembra-te, Senhor, da palavra que deste ao teu servo,
a palavra em que pus a minha esperança;
esta é, na miséria, a minha consolação:
a tua Promessa que me reanima!

Os soberbos zombaram de mim,
mas eu não me afastei da tua Lei;
eu mantenho viva a memória dos teus decretos,
neles encontro, Senhor, a minha consolação!

Fico indignado diante da maldade,
dessa gente que rejeita a tua Lei;
os teus preceitos são a causa do meu canto,
nesta terra do meu peregrinar!

Durante a noite, lembro o teu nome, Senhor,
penso e volto a pensar na tua Lei;
uma só coisa conta para mim:
obedecer à tua vontade!

Eu disse que a minha herança, Senhor,
é cumprir a tua vontade;
de todo o coração eu te peço,
como prometeste, tem piedade de mim!

Refleti sobre os meus caminhos
e voltei à tua Lei:
apressei-me, não mais descurei
a obediência aos teus preceitos!

Cercaram-me os laços dos ímpios,
mas a Lei, não a esqueci;
a meio da noite, me levantei p'ra dar graças
perante as tuas sentenças justas!

Sou amigo de quantos te obedecem
e cumprem as tuas ordens;
a terra está cheia da tua bondade;
ensina-me, Senhor, as tuas leis!

Encheste de bens o teu servo,
como havias prometido, Senhor;
dá-me juízo e prudência,
que eu creio nos teus mandamentos!

Quando eu me desviava de ti…
mas agora sigo a tua vontade!
Tu és bom e generoso,
ensina-me as tuas leis!

Os soberbos forjam mentiras,
mas o meu coração está contigo;
o deles é insensível,
mas o meu revê-se na tua lei!

Foi bom provar teu castigo,
aprendi então teus decretos;
prezo mais a tua lei
que ouro e prata aos milhões!

Glória ao Pai, que, p'lo Filho,
nos deu o Mandamento Novo;
Glória ao Espírito dos dois,
que transforma os corações!

Recuperar o verdadeiro sentido da cruz de Cristo

A grande tarefa, difícil mas inadiável, é, portanto, recuperar o verdadeiro sentido da cruz de Cristo, ligada sempre ao acontecimento central da Ressurreição. Dar-lhe a importância que ela tem e merece, situando-a no contexto real da história de Jesus, como acontecimento central em que culminou a sua vida.

De facto:

- Jesus morreu crucificado, isto é, por força de um suplício infamante, reservado especialmente aos escravos e subversivos políticos, alteradores da ordem estabelecida;

- a sua morte foi o resultado de toda uma vida, isto é, de tudo quanto disse e fez, e do que com isso *arranjou,* as atitudes sumamente conflituosas em que se meteu: a sua liberdade diante da Lei, questionando

radicalmente que ela fosse e pudesse ser a única norma ou manifestação da vontade de Deus, a denúncia do culto realizado no Templo de Jerusalém, a solidariedade com os pobres e pecadores, etc.;

- os principais responsáveis da morte de Jesus foram os detentores do poder religioso e político do seu tempo, que o acusaram de blasfemo (Mt 9,3) e subversivo (Lc 23,2), por considerarem intolerável a sua forma de falar e atuar;

- Jesus viveu a sua morte na cruz com uma enorme dor, a de concluir que o seu projeto tinha fracassado historicamente, o que o levou de uma real angústia (Mt 27,46) a um abandono confiante ao Pai (Lc 23,46);

- finalmente, a morte abjeta de Jesus foi para ele como que a prova provada de que a sua vida e a sua mensagem tinham sido desautorizadas por Deus, que não interveio para a impedir.

Mas, paradoxalmente, a sua morte desembocou na ressurreição. A vítima acabou por triunfar sobre os seus verdugos, a vida acabou por triunfar sobre a morte. E o seu triunfo é a garantia da ressurreição de todos os mortos. Porque ele «ressuscitou dos mortos como primícia de todos os que morreram» (1 Cor 15,20).

(Homilia na Serra do Pilar, 5º Domingo da Quaresma, ano 2000)

Oremos

Celebrámos, Senhor,
a Mãe do teu Cristo,
a Nova Eva de quem nasceu o Novo Adão,
o *retrato* por quem conhecemos
como Deus criou o Homem,
o apelo que nos diz como seremos
no Reino para que caminhamos!
Como podemos não dar graças por Maria?
Como podemos dispensar Maria
neste caminho que caminhamos
rumo ao teu Reino,
Povo de Deus a caminho que somos?
Por Jesus Cristo, teu Filho e nosso Irmão,
na Unidade do Espírito Santo!
Ámen!